

Reflexão sobre o conhecer

Dra. Luiza Klein Alonso

RODRIGO BRANT



Dra. Luiza Klein Alonso

Professora da Universidade Católica de Brasília

Mudou-se o jeito de se produzir conhecimento. Atualmente, no Brasil, o orientando não é necessariamente alguém que refazerá o caminho que nós fizemos. Fora daqui, à época em que eu fiz meu curso, ainda se conseguia ser diferente. O estudante tinha autonomia para poder fazer um caminho, mas a maioria dos trabalhos que se vê na pós-graduação hoje, na verdade, são fragmentos da tese do orientador. Será que continuaremos fazendo isso? Será que essa situação continuará dessa maneira ou faremos de uma nova forma?

Objetivamente, passou-se por uma mudança radical de mentalidade. É preciso entender que o mundo possui uma parte física, mas a compreensão desse mundo é orientada pelos modelos mentais que se tem, os quais são baseados numa visão de ser, numa visão de convivência com os outros e numa visão que se tem da natureza. O exemplo mais óbvio é o seguinte: durante milhares de anos, a relação dos seres humanos com a natureza foi a de destruição; havia a idéia de que tínhamos que dominá-la. Então mudava-se o curso de rios, destruíam-se as montanhas, aterravam-se os mangues – era

essa a relação do homem com a natureza. Se, se continuasse a fazer isso, o mundo seguiria em seu curso, mas provavelmente a raça humana poderia deixar de existir.

Hoje, o conhecimento que se tem não é para mudar o mundo, mas para que se possa conviver com aquele rio do jeito que ele está e ver que, em outras coisas, há que se fazer mudanças que acabam provocando grande impacto na natureza e nas comunidades. Muitos que estão aqui, quando criança, receberam forte incentivo dos pais para irem à escola, o qual algumas vezes soava assim: “Você tem que ir à escola para conseguir um emprego melhor, para ter uma qualidade de vida melhor”. Qualidade que muitas vezes está associada com renda, não necessariamente com usufruto.

Muitas vezes pensa-se que qualidade de vida é ter 300 pares de sapato. Então aquilo tudo fica entulhado no seu armário. Pergunto: “Para quê tudo aquilo?” Mas se aprende que qualidade é isso e que a educação é uma coisa muito boa. Quando há 200 anos, Descartes e outras pessoas trouxeram a questão do método, trouxeram tam-



bém para toda sociedade a importância do ser humano produzir conhecimento e o quanto isso traz de liberdade. O conhecimento científico não precisa convencer ninguém, necessita de demonstração, por isso a metodologia é tão importante.

Se se disser que o mundo é quadrado e este for redondo, não será a palavra que estará em jogo, mas sim a forma como se chegou a essa conclusão e, com isso, ganha-se autonomia, ganha-se liberdade. Conquista-se condições de pensar pela própria cabeça e não apenas pela cabeça dos outros. O que é muito diferente de um dogma, por exemplo. No dogma não pode haver dúvidas, ele tem que ser aceito. Nesse tocante usa-se a fé, que é absolutamente individual. Pode-se juntar várias pessoas que tenham fé, mas cada uma delas terá definição, vivência e uma experiência diferente do que seja a fé.

Ciência é diferente, é algo que parte da consciência, ou seja, há que se compreender como ela foi construída, como foi montada e ter a certeza de que se os passos propostos por aquele cientista forem repetidos, obter-se-á conclusões muito parecidas com as

dele. Por isso que é importante a questão do fazer. Fazer ciência é mais importante que ter ciência, porque no fazer eu preciso ter. Fazer ciência significa mais que acumular conhecimento e a ciência, em princípio, tem essa mística de que seja algo muito bom.

Entretanto, hoje em dia ela está abordando aspectos que geram muita discussão. Como por exemplo, a questão da sustentabilidade. Mas com quem está ocorrendo a discussão? Com os grandes capitais. Muitos temas estão gerando polêmica como no caso do Genoma e da Clonagem. Este assunto levanta inclusive muita polêmica em torno da ética que tem como representantes as igrejas.

A idéia de que ciência e educação são coisas boas e que melhoram a nossa vida marca fortemente nossas concepções. Só que estamos em um momento de repensar porque a ciência, a educação e o conhecimento são pontos positivos. Para a geração que se formou na década de 70, era muito óbvio o quanto era bom ter um diploma universitário. Porque era época do pleno emprego; antes de sair da universidade já se tinha um trabalho e em geral bem

remunerado. Hoje é diferente, tem-se que investir em graduação, licenciatura, especialização, mestrado, doutorado. Parece que nunca se vai sair da escola. A idéia que se tem um pouco é essa. Parece que nunca se conseguirá autonomia de pensamento.

Esse tema é um pano de fundo, uma das razões que me levaram a estudar a transdisciplinaridade. Essa semana vocês terão um conjunto de palestras em que perceberão que nem todas as definições de transdisciplinaridade são semelhantes, pois iguais elas nunca serão. Qual é a minha compreensão de transdisciplinaridade? Eu entendo que transdisciplinaridade é uma metodologia e, nesse ponto, diferencio-me das outras vertentes, que se apóiam em uma teoria da complexidade e que nos traz dois pontos essenciais: a questão dos níveis diferenciados de realidade e a questão do terceiro incluído. Níveis diferenciados de realidade: toda vez que se tenta descrever uma realidade, o primeiro passo é descrevê-la a partir do que se observa. Entretanto, existem outras coisas além da visão que acontecem, tanto no mundo microscópico como no mundo cósmico. Dentro da

história da ciência, na década de 30, tem um exemplo muito interessante sobre um pesquisador chamado Bohr. Ele era um físico, mas com uma forte formação filosófica e mostrou o seguinte – na física quântica, os primórdios da física, o que se observa sendo matéria nem sempre se apresenta como matéria. Na física trabalhamos com dois conceitos, matéria e energia. Então ou se observa a matéria ou se observa a energia. E ele começou a observar que o mesmo fenômeno, a depender de um nível microscópico ou de um nível cósmico, poderia se apresentar de forma diferente e essa análise começou a mudar o sentido de encarar o que é realidade.

Quem trabalha muito na área de humanas percebe o quanto é importante a questão dos sentimentos. Uma situação não é apenas aquilo que se vê. Dentro de uma sala, por exemplo, encontra-se a parte física com cadeiras, mesas, paredes, pessoas, mas também tem-se as relações que envolvem esses objetos, essas pessoas. E existem também relações de poder, de convivência que não podem ser vistas. Mas nem por isso deixam de existir. A realidade não é só o que se observa.

Por outro lado, a pessoa está aqui, mas o corpo dela revela que não. Na verdade ela está em outro lugar, em outro mundo. Em qualquer lugar que se esteja, tem-se o corpo, os sentimentos, as inteligências, o pensamento e o espírito. Espírito, eu entendo como espaço da questão da ética, dos nossos valores, dos nossos princípios. O espírito que muitas vezes é a nossa voz interior, aquela que diz: “Olha, agora é hora disso, a minha prioridade é essa, o que eu tenho que fazer é isso...” Somos um conjunto e a transdisciplinaridade, ao fazer uma crítica à fragmentação do conhecimento, traz essa noção de importância na relação do aprender e do ensinar, de entender que cada estudante é muito mais que um saco vazio onde o professor coloca o conhecimento. Pelo contrário, o professor tem que modificar na sua relação com os alunos; caso contrário, se transformará

em um robzinho. Um exemplo famoso aconteceu na USP: um professor de Estatística, possuía um fichário, datado de 1956. Certo dia, no ano de 1972, um aluno tirou uma folha desse fichário e o professor teve que interromper a aula. Fazia 16 anos que ele dava aula, sempre pelo fichário. A Estatística era o terror, reprovava muitos alunos, porque aquele professor nunca se colocou na possibilidade de transformar a disciplina dele. Ele usufruía de uma fama de ser muito duro, muito “inteligente”, acima da média dos alunos porque ti-

*Quem trabalha
muito na área
de humanas
percebe o quanto
é importante
a questão dos
sentimentos.
Uma situação
não é apenas
aquilo que se vê.*

nha quase 80% de reprovação naquela matéria. Então pergunto: é essa a conduta desejada na minha prática profissional? Eu não decorei isso que estou falando para vocês.

Considero o recurso *power point* uma grande bengala – nele eu não posso ver o rosto de cada um de vocês, preocupo-me com a maquinaria, se tudo está bonito e se colocarei alguma música ou algum movimento. Mas depois disso tudo onde está a aula? Nós somos leitores de *power point* ou somos docentes? E o diálogo? E a possi-

bilidade de uma roda de conversa? Ainda que o tema seja um pouco chato e até mesmo difícil começemos a pensar. E é esse o convite que faço na transdisciplinaridade, não como moda, não como a última novidade, mas como uma possibilidade de pensar, fazer, conviver e, nesse sentido, ser diferente.

A transdisciplinaridade traz a problematização de que não adianta ter somente as caixinhas onde há o conhecimento X, Y ou Z. O que é que se faz com esse conhecimento? Então, quando se tem 15, 16 disciplinas, com quais professores eu realmente poderei fazer a integração do conhecimento? Um mestrado, uma pós-graduação transdisciplinar é uma utopia. Como utopia, não necessariamente será realizada, mas todos precisam sonhar, em todas as nossas atividades, em tudo que se faz. Porque o sonho orienta as pessoas, faz com que não se perca o foco da nossa ação. É muito fácil perder-se o foco, porque de repente tem-se que trabalhar um pouco mais, pois o que se ganha não está sendo o suficiente para pagar todas as despesas. Então, trabalha-se naquilo que não era bem o que se queria; mas é uma saída, ou então começa-se a trabalhar aqui e ali e a estudar isso, e vai-se perdendo um pouco do “quem sou eu”, do “que estou fazendo aqui” ou “por que eu gosto de fazer isso” dentro desse processo. O grande desafio hoje não é decorar conhecimento é fazer a integração dos conhecimentos.

Partindo do seguinte pressuposto: precisamos ter dois tipos de memória uma memória externa e uma memória interna. A memória externa são os livros, os artigos, as imagens, importantes para o acervo de cada um. Saber como usá-las e quando usá-las, consciente de que esse acervo está sendo constantemente poroso a novas e inesperadas informações. Esse tipo de memória pode ser carregada em um *pen driver* ou salvá-la no computador e na hora em que se precisar dela, estará lá. Entretanto, não se pode deixar de ter a minha memória interna: quem sou eu,

com quem sou casada, onde eu moro, se isso pode ou não pode; porque a falta dela seria uma amnésia.

Não há porque usar a nossa cabeça para arquivar dados e mais dados. Eles devem ser arquivados não por uma intencionalidade, mas sim pela prática. A prática é que dará condições realmente de se ter um conteúdo que, sem a leitura, sem apoiar em *power point* e sem ter que recorrer a papeizinhos escondidos, se saberá o que se pretende fazer. O uso do *power point* tornou-se tão corriqueiro que, sem esse recurso, pensa-se que a aprendizagem não ocorrerá. Quando um palestrante vai apresentar os *slides*, a primeira pergunta que fazem é: “Você vai disponibilizar na internet?” Coloca-se na internet, na intenção das pessoas lerem e compartilharem as reflexões formuladas. Acontece que isso não ocorre, apesar de terem no computador a sua palestra; não para pensar, mas para guardar. A minha pretensão é que as pessoas pensem naquilo que eu também esteja pensando porque desejo ter com quem possa dialogar. Não quero que as pessoas guardem as minhas anotações, tudo isso é tão volátil. É certo que às vezes escrevemos um livro, ou algo parecido, mas na verdade o mais importante hoje é termos a consciência de que a nossa forma de fazer está profundamente modificada – o quanto compartilhamos o conhecimento também foi modificado e, agora, o que precisa ser feito é incluir cada vez mais as pessoas nesse processo de conhecimento.

Nesse momento, estou como uma voz dissonante dentro da transdisciplinaridade porque vejo que ela está dentro da teoria da complexidade. Acho que a teoria da complexidade, tanto a parte de Edgar Morin que é a linha francesa, quanto a linha americana que é associada com o Instituto de Santa Fé no Novo México – EUA, nos dão mais elementos.

Eu me abstenho um pouco dessa diferença entre inter e trans. Acho que o mais importante é modificarmos a nossa cabeça, sair dos esquemas de compartimentalização do conhecimento,

tentar entender que o quê o pesquisador realiza fará sentido, apenas, se relacionado com outros elementos.

Educação e Psicologia padecem de um mal terrível, que são as escolas de pensamento de “alguém”. Porque sigo Piaget, já não relaciono com quem segue Vygotsky e, se alguém defende Maria Montessori isso acaba gerando conflitos. Na psicologia é a mesma coisa porque uns seguem a linha reichiana, outros a linha junguiana; mas será que todos esses pensadores não tinham como idéia estudar o corpo humano como um todo? Não se tem que ser membro de uma igreja, que de-

“
Atualmente,
a grande
necessidade
que se tem é a
de modificar o
comportamento
na relação com o
conhecimento.”

fender uma única idéia. Talvez isso tenha sido importante num momento em que a divulgação do conhecimento desses autores era difícil, dependia de livros que eram importados e que precisavam ser traduzidos.

Imaginem os livros de Freud em alemão. Quantas pessoas no Brasil falavam alemão? Foi necessário, primeiro, que esses escritos fossem traduzidos para o inglês para que então houvesse a primeira tradução para o português e isso talvez, tenha sido uma justificativa histórica, mas que hoje não existe mais.

Atualmente, a grande necessidade que se tem é a de modificar o comportamento na relação com o conhecimento. Tornar-se mais tolerantes e receptivos ao que não se conhece, sem se esquecer do rigor científico. Em vez de dizer: “Se não é como o autor que eu escolhi, então passa a não ser”. Não se deve negar o conhecimento do outro só porque ele é diferente do seu. Não são mais necessárias todas aquelas brigas terríveis que aconteciam durante todo o século XX, em que cada um tinha um ponto de vista que qualquer discordância provocava uma cisão. Isso acontecia porque a idéia de que conhecimento era apenas compreensão cognitiva. Há uma piadinha que corre pela internet que mostra o seguinte: “Como é que seria você dizer algo muito simples quando se está no primário, no ensino fundamental, no ensino médio e no superior, e dentro desses três graus: graduação, mestrado e doutorado?” Rapadura é doce, mas não é mole não”. Esse e-mail ainda diz que, no nível de doutorado, falar tornou-se uma coisa muito abstrata, muito complicada. E em ciência, muitas vezes, por conta da fragmentação, começa-se a ter uma escrita que afasta as pessoas. Isso é um ponto preocupante porque a ciência, em princípio, é libertadora.

Sendo assim, por que a ciência tem que ser escrita com tanta abstração? Porque, na verdade, a ciência que está sendo produzida não considera o diferente de cada um e esse é um quesito interessante para a minha transdisciplinaridade. Dentro dela há uma lógica do terceiro incluído, ou seja, entender o pensamento de um grupo de pessoas que tem uma forma de fazer diferente da sua.

Claro que algumas coisas em ciência continuarão sendo para grupos específicos, mas não necessariamente virará ciência aquilo que é escrito de forma difícil, abstrata ou diferente do que se costuma falar no dia-a-dia; e essa é a questão da legitimação. Como é que se legitima conhecimento? A transdisciplinaridade oferece uma pis-

ta interessante, que é a de que o conhecimento se faz e se refaz na ação e isso entra justamente no ato de se ter uma reflexão, que gera uma ação que gerará uma nova reflexão.

Quem já leu, por exemplo, Paulo Freire, “Pesquisa Participativa”, quem já se interessou pela questão da programatização perceberá que está muito próximo do que transdisciplinaridade quer dizer. E durante esta semana, inúmeras definições sobre esse assunto serão colocadas aqui.

Hoje, para mim, transdisciplinaridade significa exercer a minha atividade profissional dentro de um diálogo o mais aberto possível, em que eu possa entender a contribuição de outro especialista em um estudo de determinado objeto. O questionamento que faço é por que eu vou recolher conhecimento? Recolher por recolher? Vou fazer pilhas de livros? Claro que às vezes existe uma satisfação pessoal. Eu leio algumas coisas que não me dão preocupação, mas sim satisfação; mas como prática profissional e como cidadã eu tenho compromissos.

Objetivamente, acho que nenhum desses candidatos que estão concorrendo às eleições conseguirá resolver coisa alguma nesse país. Não conseguirão não só por uma questão ética, mas por uma questão de competência. Então, seremos nós que trabalhamos em universidades, que somos pesqui-

sadores, que somos educadores é que ofereceremos propostas de alteração.

A educação no Brasil não será resolvida por este ou aquele político. Talvez um ou outro tenha um pouco mais de competência para resolver, mas se os professores, se os pais que

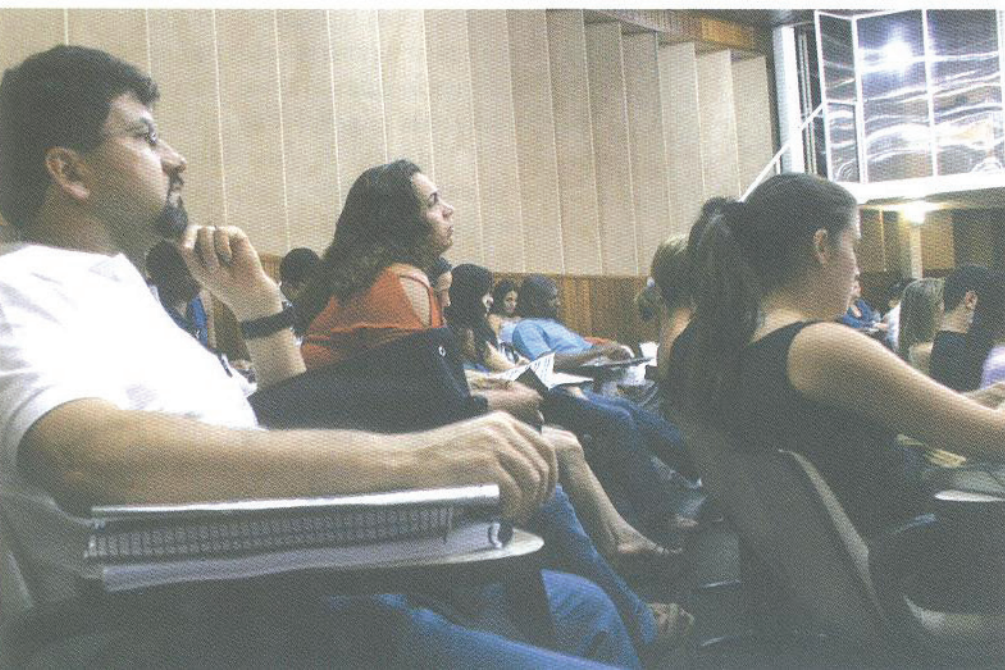
“
*Esperaremos
pelo Messias e
ele não chegará;
e mesmo quando
ele chegar o
apedrejaremos
e nem o
reconhecemos.*”

têm filhos na escola e principalmente se os pesquisadores sobre educação, não fizerem uma proposta, nada será resolvido. Esperaremos pelo Messias e ele não chegará; e mesmo quando ele chegar o apedrejaremos e nem o reconheceremos.

O compromisso de que a ação profissional tem uma incidência social deve ser entendido. O conhecimento com o qual se trabalha tem que fazer *interface* com a prática. Ele tem que fazer um diálogo com a realidade na qual se esteja inserido. Do contrário, buscar-se-á legitimação do conhecimento de que maneira? Pela abstração? É claro que metodologia oferece muita base, mas nas formações metodológicas sempre se é limitado. Por exemplo, tem um caso famoso – durante anos, pessoas da área da Educação e da Psicologia possuíam a visão de que mulheres provenientes de classes trabalhadoras, do sistema capitalista, estavam inexoravelmente fadadas ao fracasso escolar. Há uma geração de profissionais que saiu das universidades acreditando piamente que uma pessoa, principalmente, se for uma mulher vinda de uma classe pobre, tiver um título de graduação, mestrado ou doutorado, esta deve ser internada por insanidade mental, por ela não existir. E isso orientou políticas no sentido de não se incentivar, ao estudo, meninas de classes trabalhadoras. Hoje, isso está sendo revisto, mas quantas mulheres perderam a chance de ter uma escolarização, minimamente significativa, porque as suas professoras partiam do pressuposto que o sistema capitalista era muito maior do que elas e não adiantava ficar ensinando-as, pois não conseguiriam levar os estudos adiante.

A ciência tem essa perversidade também; é muito importante entender que conhecimento muda a vida das pessoas: a nossa, a de quem eu trabalho, a de quem eu converso e, conseqüentemente, muda a vida da sociedade.

Eu não sou a mesma fervorosa em transdisciplinaridade, porque eu me dou o direito de não repetir discursos. Eu entendo que só existe a possibilidade de sermos transdisciplinares, se nós não repetirmos, não ficarmos memorizando o que já está escrito, mas acho uma boa idéia vocês lerem o manifesto da transdisciplinaridade e a carta da transdisciplinaridade. Um dos autores é Américo Sommerman.



RODRIGO BRANT